

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

HELOÍSA SANTANA LOPES

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

GOIÂNIA-GO

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): HELOÍSA SANTANA LOPES

Título do trabalho: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Heloísa Santana Lopes, Discente**, em 02/12/2025, às 13:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Yvonelio Nery Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 03/12/2025, às 09:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5801112** e o código CRC **DE3A8308**.

Heloísa Santana Lopes

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada para fins de avaliação parcial da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás, sob orientação do Professor Dr. Yvonélio Nery Ferreira.

GOIÂNIA – GO

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lopes, Heloísa Santana
Histórias em quadrinhos e a formação de leitores nos anos iniciais do Ensino Fundamental [manuscrito] / Heloísa Santana Lopes. - 2025.
53 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Yvonélio Nery Ferreira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Pedagogia, Goiânia, 2025.
Bibliografia.

1. Formação de leitores. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Recurso didático. I. Ferreira, Yvonélio Nery, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao primeiro dia do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL”, de autoria de HELOÍSA SANTANA LOPES, do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Prof. Yvonélio Nery Ferreira - Orientador (FE/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Renato de Oliveira Dering (FE/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,0, tendo sido o TCC considerado APROVADO.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Yvonelio Nery Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 01/12/2025, às 18:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renato De Oliveira Dering, Professor do Magistério Superior-Substituto**, em 01/12/2025, às 18:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sci/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5801107** e o código CRC **CD1CF561**.

Dedico este trabalho a todos que, assim como eu, tiveram a infância e a adolescência marcadas pelas histórias em quadrinhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, àqueles que sempre estiveram ao meu lado. Agradeço a Deus, à intercessão de Nossa Senhora e de Santa Teresinha do Menino Jesus, que me sustentaram durante toda a graduação e na elaboração deste trabalho. Sem o alicerce da fé nada disso seria possível.

Aos meus pais, Thais e Marcio, que além de serem meus modelos como pessoa, são meus exemplos de professores. Obrigada por serem meus pilares, que sempre me apoiam, me incentivam, me oferecem tudo do bom e do melhor e que sempre me mostraram que a educação é um caminho que vale a pena à dedicação.

Aos meus irmãos, Samuel e Helena, por sempre estarem ao meu lado me encorajando.

Aos meus demais familiares e amigos que me motivaram a prosseguir e que se alegram com cada conquista minha.

Pela parceria e amizade da minha companheira de graduação, Hellen, que durante esta jornada me acompanhou nos estágios, trabalhos e eventos acadêmicos.

Ao professor Yvonélio e à professora Ângela pelas orientações, pela paciência, dedicação e confiança na minha capacidade.

À Faculdade de Educação que me acolheu nestes anos e ofereceu diversas oportunidades que contribuíram no meu crescimento como pessoa e como educadora.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. (Antoine de Saint-Exupéry, 1952)

RESUMO

O presente trabalho monográfico consiste na investigação das Histórias em Quadrinhos (HQs) na formação de leitores, problematizando de que maneiras elas podem ser utilizadas enquanto recursos na construção do hábito da leitura. Desse modo, o objetivo é analisar e refletir de que maneira as HQs se configuram como um recurso didático viável na formação de leitores. Percorrendo a concepção de leitura e o desenvolvimento de seus leitores, assim como a trajetória histórica dos quadrinhos no mundo, no Brasil e nos espaços escolares, através dos documentos orientadores da educação. Este estudo de caráter qualitativo, tem como fundamento a pesquisa bibliográfica e a análise de resultados de estudos de caso e pesquisas, utilizando como referencial teórico as contribuições de Ângela Kleiman (2005) e Rildo Cosson (2023) na definição de leitura e seus elementos, e os estudos de Alexandre Barbosa (2004), Angela Rama (2004), Paulo Ramos (2009), Waldomiro Vergueiro (2009), dentre outros, acerca das narrativas visuais. Além disso, houve também a análise de pesquisas e estudos de caso que apresentam de que maneira o uso dos quadrinhos tem se efetuado. Dessa forma, ao término deste estudo concluiu-se que o uso de HQs nas práticas pedagógicas, quando planejadas e realizadas com intencionalidade pelos professores, são meios eficazes na constituição de sujeitos leitores de palavras, imagens e do mundo a sua volta, com sentido crítico, estético, social e político.

Palavras-chave: Formação de leitores; histórias em quadrinhos; recurso didático.

ABSTRACT

The present monograph consists of an investigation into the use of Comic Books in the development of readers, discussing how they can be utilized as resources in building the reading habit. Thus, the objective is to analyze and reflect on how comics serve as a viable didactic resource in the formation of readers. The study traverses the conception of reading and the development of its readers, as well as the historical trajectory of comics worldwide, in Brazil, and within school settings, through official educational guiding documents. This study, of a qualitative nature, is fundamentally based on bibliographic research and the analysis of results from case studies and surveys, utilizing the theoretical contributions of Ângela Kleiman (2005) and Rildo Cosson (2023) in defining reading and its elements, and the studies of Alexandre Barbosa (2004), Angela Rama (2004), Paulo Ramos (2009), Waldomiro Vergueiro (2009), among others, regarding visual narratives. Furthermore, there was also an analysis of research and case studies that demonstrate how the use of comics has been implemented. Therefore, upon the conclusion of this study, it was determined that the use of comic books in pedagogical practices, when planned and executed with intentionality by teachers, are effective means in establishing individuals who are readers of words, images, and the world around them, with a critical, aesthetic, social, and political sense.

Keywords: Reader development; comic books; didactic resource.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tirinha do Cascão, sem uso da linguagem escrita	24
Figura 2 - Tirinha da Mafalda	26
Figura 3 - Quadrinho do Chico Bento	33
Figura 4 - Quadrinho do Chico Bento	35
Figura 5 - Charge	36
Figura 6 - Trecho de HQ do Homem Aranha	37
Figura 7 - Trecho de HQ do Homem Aranha	37
Figura 8 - Quadrinho do Papa-Capim	39
Figura 9 - Tirinha do Menino Maluquinho	40
Figura 10 - Tirinha da Mafalda	40
Figura 11 - Tirinha da Mafalda	40
Figura 12 - Tirinha de A Turma do Xaxado	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	LEITURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES	17
2.1	O papel social da leitura	17
2.2	A formação de leitores	19
3	CONTEXTUALIZANDO AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	22
3.1	HQS: conceitos e definições	22
3.2	HQS no Brasil	26
4	AS NARRATIVAS VISUAIS ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO	31
4.1	Do recurso visual ao didático	31
4.1.1	<i>Proposta 1: Variação linguística</i>	33
4.1.2	<i>Proposta 2: A dimensão dos recursos visuais</i>	38
4.1.3	<i>Proposta 3: Discutindo temas da realidade com tirinhas</i>	40
4.1.4	<i>Proposta 4: Uso das gibitecas</i>	41
4.2	Estudos de caso e pesquisas	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho monográfico, desenvolve-se um estudo sobre a atuação das Histórias em Quadrinhos (HQs) na formação do leitor nos anos iniciais do Ensino Fundamental, examinando suas características narrativas e visuais como elementos facilitadores do engajamento infantil com a leitura.

A motivação para esta investigação origina-se de experiências pessoais. Em meu processo de aquisição da leitura e da escrita na infância, as HQs atuaram como mediadoras fundamentais para minha inserção no universo letrado. Meu percurso de alfabetização e letramento foi intensamente incentivado pelos meus pais, que desde cedo me apresentaram a leitura como uma prática a ser cultivada por meio de contos, fábulas, literatura infantil e, notavelmente, pelos gibis – especialmente os da Turma da Mônica –, transformando-me em apreciadora desse tipo de narrativa até os dias atuais.

Ademais, durante o estágio obrigatório no Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG), em diálogo com os funcionários da escola-campo, tomei conhecimento de um projeto de incentivo à leitura então em andamento. Ao final do ano letivo, o bibliotecário da instituição relatou o sucesso da iniciativa, destacando o intenso interesse despertado pelas HQs em alunos das mais variadas idades.

Dessa maneira, a partir das experiências vivenciadas na infância, somadas à trajetória formativa e às vivências profissionais em instituições escolares, pôde-se constatar o valor das HQs nos primeiros contatos das crianças com o letramento e em sua iniciação à leitura. Dessa forma, a temática centrada nas Histórias em Quadrinhos como recurso didático no processo de formação do leitor será abordada, portanto, a partir dos elementos da alfabetização e do letramento.

O termo letramento é bastante associado ao processo de alfabetização, compreendidos muitas vezes como procedimentos distintos, mas que estão diretamente relacionados e acontecem simultaneamente. A alfabetização consiste na capacidade do indivíduo de codificar e decodificar os códigos do sistema de escrita, sendo alfabetizado aquele que “é capaz de distinguir palavras, sílabas, morfemas, grafemas, [...] dominando códigos como o alfabético e o numérico, principalmente aprendidos na escola, como resultado de uma capacidade/competência individual” (Costa, 2000, p. 15). Paralelamente, o letramento, enquanto práticas sociais de leitura e escrita, vai além da capacidade de ler e escrever, ele

representa a possibilidade de compreender e refletir sobre variados textos em diferentes contextos.

Assim, essa ação possibilita ao indivíduo a autonomia para vivenciar e inserir-se em diversas práticas de leitura e escrita, as quais devem estar relacionadas ao seu contexto. Historicamente, o processo de aprendizagem da leitura e da escrita ocorria por meio da cópia e memorização de textos, o que resultava em alunos que, embora lessem, não compreendiam o conteúdo, em uma prática massificada aplicada como mero cumprimento de regras e normas. Esse método desconsiderava as práticas e vivências de leitura e escrita exteriores ao espaço escolar, inviabilizando uma formação capaz de produzir pensamento crítico e reflexivo sobre o que se lê e se produz. Dessa forma, formavam-se indivíduos alfabetizados, porém não letrados, que dominavam habilidades de codificação e decodificação, mas sem capacidade para interpretar, contextualizar, refletir sobre o texto escrito ou utilizar a escrita em diferentes contextos.

Dessa forma, segundo Magda Soares (1998, p. 47) “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita”, utilizando da realidade vivenciada pelo indivíduo para formar nele um ser autônomo, consciente de si e do espaço em que ocupa no mundo, com aptidão para se envolver com práticas sociais de leitura e escrita. Assim, a partir desse processo de alfabetizar letrando pode-se pensar em formas de alcançar a finalidade de uma formação estética, social e política.

Nesse processo de aquisição da leitura e da escrita, Emília Ferreiro (2001) denuncia os métodos tradicionais a partir dos quais os materiais utilizados para alfabetizar se restringem às cartilhas, que são permeadas por orações estereotipadas, sem função comunicativa ou informativa, totalmente desconexas das vivências do aluno. Nesse sentido, a teórica aponta a necessidade de materiais para leitura de qualquer tipo, contanto que haja escrita. Dessa forma, é possível pensar, no contexto atual, quais podem ser esses materiais para leitura, que tenham uma linguagem aproximada à do leitor e que retratam vivências semelhantes a dele.

Foi a partir disso que, em meu percurso, percebi a influência das narrativas visuais, uma vez que as HQs fazem parte do hábito de leitura no cotidiano de muitas crianças, por muitas décadas, me levando ao questionar se, hoje, essa prática ainda é utilizada ou se vem sendo esquecida, sobre como tem sido o incentivo à leitura e se a escola tem estimulado essa prática.

Inicialmente, é necessário compreender a trajetória histórica das HQs, no contexto escolar brasileiro, para isso fundamentou essa análise os estudos de Roberto Elísio dos Santos

(2012) e Waldomiro Vergueiro (2012), ambos editores da Revista 9º Arte da ECA-USP e pesquisadores da área das Histórias em Quadrinhos. Dessa maneira, eles analisam que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, representou um marco fundamental na promoção das HQs - que desde 1928, e nas décadas seguintes, já sofria críticas da Associação Brasileira de Educadores (ABE) por “suscitar costumes estrangeiros” nas crianças - como recurso didático, colaborando no processo de aceitação desse produto cultural por parte dos professores e responsáveis pelos alunos.

Apesar das críticas a esse método, a partir da década de 1970 essas narrativas começaram a marcar presença nos livros didáticos brasileiros, com sua estrutura característica, elucidando e esclarecendo de maneira fluida o conteúdo abordado no material didático. Desde então, as HQs estão presentes na vida das crianças brasileiras, seja no ambiente escolar, ou não. Assim, Santos (2001) compreende que as narrativas visuais possibilitam um aprendizado proveitoso e propiciam a criança para a leitura de outras obras, por elucidar conceitos abstratos, dialogando com o seu imaginário. Angela Kleiman (2005, p. 50), pesquisadora do letramento literário, ressalta sua eficácia ao reconhecer que a ilustração “faz parte do conjunto de recursos necessários para ensinar a ler: ela pode desempenhar o papel de coadjuvante, copartícipe na interpretação do texto verbal, ajudando a construir os primeiros sentidos, que depois serão tornados mais precisos pela leitura”. Além disso, as HQs possuem a facilidade de conquistar leitores devido suas temáticas estarem associadas às vivências e realidades infantis, o que é crucial no desenvolvimento do leitor.

Nesse sentido, formula-se a seguinte pergunta de pesquisa: qual a importância e de que maneiras é possível utilizar recursos diversos, em especial as Histórias em Quadrinhos, na formação do leitor?

A partir desse questionamento, este trabalho tem como objetivo geral analisar de que forma as HQs se configuram como um recurso didático viável na formação de leitores. Esse propósito desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: conceituar Histórias em Quadrinhos; investigar sua contextualização no Brasil; analisar suas possibilidades enquanto recurso didático; refletir sobre a leitura e a formação de leitores; explorar estudos de caso que abordem a atuação das HQs na formação do indivíduo como ser letrado, social e político.

Para o desenvolvimento destes objetivos, a metodologia adotada neste Trabalho de Conclusão de Curso consistiu em uma pesquisa bibliográfica. Considerando que:

A pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo. Os instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica são: livros, artigos científicos,

teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados. [...] Na realização da pesquisa bibliográfica o pesquisador tem que ler, refletir e escrever sobre o que estudou, se dedicar ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos (De Sousa; De Oliveira; Alves, 2021, p. 66).

Dessa forma, a pesquisa apresenta caráter qualitativo, se baseando na investigação de resultados de estudos de caso, que “se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente” (Godoy, 1995, p. 25), possibilitando maior compreensão da problemática e dos objetivos apresentados nesta pesquisa.

Para tanto, este primeiro capítulo apresenta a introdução à temática elaborada e desenvolvida ao longo de todo trabalho, por conseguinte, no segundo capítulo intitulado “Leitura e a formação de leitores”, desenvolvemos o papel social da leitura e a formação de leitores abordando como o processo da leitura ocorre e quais seus elementos constituintes, tendo como base teórica Ângela Kleiman (2005), Rildo Cosson (2023) e Paulo Freire (1989). No terceiro capítulo “Contextualizando as Histórias em Quadrinhos”, apresentamos as definições e a trajetória da inserção das HQs no ensino brasileiro, baseado nos estudos de Waldomiro Vergueiro (2009), Paulo Ramos (2009), Elydio Santos Neto (2015), José Marques de Melo (2013), dentre outros, utilizando de referenciais legais que orientam a educação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No quarto capítulo “As narrativas visuais enquanto recurso didático”, evidenciamos algumas formas de empregar as HQs na sala de aula, enquanto recurso didático e formador de leitores, fundamentando nas perspectivas de Túlio Vilela (2009), Lielson Zeni (2009), Alexandre Barbosa (2004), Angela Rama (2004) e Natania Nogueira (2015), além de analisar pesquisas e estudos de caso que evidenciam os resultados do uso das narrativas visuais. Por fim, nas considerações finais apontamos os objetivos e os resultados alcançados.

Desse modo, a seguinte pesquisa buscará analisar como ocorre o processo de leitura, em específico por meio das narrativas visuais, as HQs, compreendendo sua trajetória no Brasil e, principalmente, suas possibilidades de uso no processo de ensino-aprendizagem e na formação de leitores.

2 LEITURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Para além de uma ação decodificadora de palavras, compreendemos a leitura como um movimento de produção de sentido daquilo que é lido, interpretado e apreendido. Desse modo, o presente capítulo demonstrará a relevância da leitura para os indivíduos e como ela os constitui e os forma como sujeitos leitores.

2.1 O papel social da leitura

A leitura, como uma prática individual e social, é fundamental enquanto um fator de inclusão social, construção e interpretação da realidade, da vida e do mundo ao redor (Cosson, 2023, p. 33). Angela Kleiman (2005) define a leitura como uma ferramenta para a perpetuação/continuação do aprendizado, pois é por meio dela que despertamos nosso olhar crítico e investigativo, desejoso por explorar e encontrar respostas. Diante de tamanha importância atribuída à leitura, a escola enquanto espaço social tem significativa responsabilidade neste processo e na formação de leitores, pois sem a leitura e suas técnicas não há conhecimento.

No entanto, a instituição escolar não é, ou pelo menos não deveria ser, o único local para o desenvolvimento dessa prática, visto que é uma atribuição do Governo e da sociedade civil (instituição familiar, sociedade brasileira e escolas) o comprometimento com a promoção e o acesso à leitura dos brasileiros. Neste sentido, em 2018 foi regulamentada a Lei nº 13.696/2018 que instituiu a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), que reconhece a leitura e a escrita como um direito e promove o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas. Sua efetivação necessita de diversos agentes (escolares ou não), da capacitação de educadores promotores da leitura, do incentivo social e governamental do uso de bibliotecas, da oferta de obras variadas e da promoção de leitores que compreendam o sentido crítico e interpretativo do mundo e da vida pela leitura, e não apenas como uma ação decodificadora.

A decodificação de palavras é um processo fundamental na leitura, no qual a união sequencial das letras forma as sílabas, a junção das sílabas constitui as palavras, e estas, por sua vez, organizam as frases que constroem os textos. Contudo, durante esse processo de decodificação, o leitor também realiza a interpretação e a compreensão, estabelecendo relações entre as informações decodificadas e seus conhecimentos prévios. Isso se alinha ao pressuposto de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989, p. 9), permitindo, dessa

forma, o surgimento de questionamentos e indagações, e o exercício da criticidade sobre o que está sendo apresentado, o que confere sentido à leitura.

Rildo Cosson (2023), concebe a leitura como um diálogo, sendo um meio de produção de sentido do que é lido. Podendo ocorrer das mais variadas formas, na leitura de uma revista antiga, de um formulário sobre informações pessoais, na leitura de receitas culinárias, de bulas de medicamentos ou de um poema. Ademais, este diálogo perpassa o tempo (passado e presente) quando se conversa e se relaciona com o autor e suas experiências descritas em sua obra. Esse diálogo com o tempo pode ocorrer tanto com o passado próximo quanto com o passado distante.

A leitura permite uma “viagem no tempo”, de se estar no passado, mas sem sair, fisicamente, do presente, e este diálogo temporal pode levar o leitor a criar vínculos com o mundo e com os demais leitores, tornando a leitura uma prática coletiva, pois nesse compartilhamento com outros leitores cria-se uma troca de opiniões, experiências, reflexões e questionamentos, evidenciando o fato de que além da leitura ser uma atividade cognitiva ela é também uma atividade social, que necessita do outro e de suas relações para ser realizada plenamente.

O pesquisador Cosson (2011) ressalta a percepção comum de que o processo de leitura envolve três fases distintas. A primeira, denominada pré-leitura, consiste na antecipação e no preparo para a leitura do texto. A segunda fase, a leitura efetiva, configura-se pelo processo de decifração e pela compreensão do texto. Por fim, a terceira fase, ou interpretação, refere-se à incorporação do que foi lido e aos processos acionados, ou seja, à forma como o leitor procede após a leitura. Desse modo, este processo de produção de sentidos mobiliza quatro elementos.

O primeiro elemento é o texto, configurado como uma teia de sentidos. O segundo é o autor, que produz o texto e essa teia para a leitura. O terceiro elemento é o leitor, que se apropriando do texto atualiza os sentidos propostos nele. E o quarto é o contexto, que se refere aos espaços em que o texto se atualiza (Cosson, 2011). Para a produção de sentidos concretizar é necessária a interação de tais elementos constitutivos, para que, assim, ocorra o processo de diálogo na leitura, citado anteriormente.

Nessa perspectiva, e compreendendo os elementos responsáveis pela realização do processo da leitura, manifesta-se a indagação: como e para quê lemos? Rildo Cosson (2023) apresenta as respostas para esses questionamentos ao expor que a capacidade leitora só se desenvolve se houver leitura, sendo esta realizada de maneira formativa. A leitura formativa

deve ocorrer por meio de: leitura de textos diversos e distintos, a fim de expandir e enriquecer o repertório, o que não impede que o leitor possua uma temática preferida; leitura em variadas formas, visto que ela pode ser feita para a simples localização de uma informação, para realizar inferências ou para relacionar informações obtidas naquele momento com conhecimentos prévios já adquiridos; leitura para conhecer o texto, identificando o que lhe é necessário no momento e o que poderá ser proveitoso futuramente; leitura motivada pelas vivências do leitor; leitura para suscitar críticas, opiniões e problematizar o conteúdo; leitura para aprender a ler, seja para as necessidades cotidianas, profissionais, acadêmicas ou para o lazer, pois a leitura é intrinsecamente necessária para a aprendizagem.

Nesse sentido, Cosson (2023) afirma que a literatura possui papel crucial no desenvolvimento dessa leitura formativa, de maneira que é por meio dela que há o acesso à essa variação e diversidade de textos que, conseqüentemente, possibilitam as variadas formas de ler. Desse modo, a literatura suscita a imaginação, a reflexão crítica, situações desafiadoras e maneiras para enfrentá-las, fortalecendo no indivíduo o conhecimento de si e da sociedade e diferentes possibilidades da construção de sua identidade, necessitando de uma apropriação da literatura enquanto linguagem para a efetiva realização da prática do letramento literário.

Dessa forma, é notável que a leitura desempenha um papel significativo na vida do indivíduo e da sociedade em geral, uma vez que, além de ser uma prática individual, constitui-se também como uma prática social, e a leitura literária possibilita uma experiência de liberdade única na leitura, formando sujeitos leitores.

2.2 A formação de leitores

Além dos elementos constituintes da leitura, é necessário compreender de que maneiras e por quem os leitores são formados, a fim de entender.

Primeiramente, torna-se essencial considerar quem são os agentes formadores. Visto que a maior parte das práticas de ensino-aprendizagem ocorre na escola, as práticas de leitura também se dão, majoritariamente, neste ambiente. Contudo, conforme retratado no subcapítulo anterior, essa responsabilidade não é exclusiva da instituição escolar e dos educadores.

Neste contexto, Angela Kleiman, ao abordar a formação de leitores, apresenta o professor como um agente de letramento, “que concebe o letramento como um mobilizador dos

sistemas de conhecimento, recursos e capacidades dos seus alunos, pais dos alunos e membros da comunidade com a finalidade de que participem de práticas de uso da escrita” (2005, p. 52), que precisa conhecer as potencialidades do grupo, a fim de promovê-las, e que conta com a participação da comunidade familiar e da sociedade.

Desta maneira, analisando o contexto escolar e os professores neste papel direcionador, Rildo Cosson (2023) em seus estudos discute a ideia dos círculos de leitura, uma atividade de leitura em que grupo de pessoas se reúnem em encontros para debater a leitura de uma obra (podendo ser de três diferentes tipos: círculos estruturados, que segue uma estrutura previamente estabelecida; círculos semi estruturados, que possuem apenas orientações para guiar as atividades; ou os círculos abertos ou não estruturados, que não seguem regras e se realizam de forma mais espontânea), enquanto maneira de possibilitar a prática leitora, podendo ser realizados em espaços escolares ou não.

Dessa forma, a realização dessa prática demanda elementos essenciais, a saber: seleção das obras, que deve ser adequada ao grupo destinado, às suas características, ao ambiente em que será realizada, aos seus objetivos e interesses, preferencialmente escolhidas pelos participantes; interesse dos leitores; organização dos dias, horários e locais de encontro; o ato de ler, que pode ocorrer por meio de leitura individual ou coletiva, e pela leitura silenciosa ou em voz alta; compartilhamento, que envolve a discussão de pontos observados e anotados durante e após a leitura, e que culmina em um momento para o professor aprimorar os aspectos necessários nas atividades do círculo de leitura; registro, o qual pode ser realizado individual ou coletivamente, refletindo sobre o modo de leitura, o funcionamento do grupo, a obra e a leitura compartilhada; avaliação, a fim de identificar o que está funcionando e o que precisa ser melhorado.

É importante destacar que, ao mencionar as leituras, o autor se refere às diversas manifestações de textos, sejam eles filmes, fotografias, quadros, canções, Histórias em Quadrinhos, contos orais, entre outros.

Assim, essa prática coletiva dos círculos de leitura evidencia a leitura como um espaço e um ato de diálogo coletivo, no qual os indivíduos necessitam uns dos outros para que tal prática se realize de maneira plena. As amplas formas de realização dos círculos de leitura tornam nítida a variedade de possibilidades para a construção do hábito de leitura e a formação de leitores. Tais possibilidades extrapolam os meros atos decodificadores e as atividades usuais em sala de aula, como a interpretação de textos do livro didático, o reconto de histórias e a

produção de resumos. Ao ampliar o escopo da leitura para além dessas práticas, o círculo se configura como uma ação transformadora, social, crítica e dotada de sentido, propiciadora da curiosidade, do conhecimento de si e do mundo.

3 CONTEXTUALIZANDO AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Este capítulo visa apresentar como se deu a ascensão das Histórias em Quadrinhos (HQs) em suas circunstâncias gerais, mas, principalmente, no contexto brasileiro, refletindo suas práticas, definições e trajetória histórica na educação.

3.1 HQs: conceitos e definições

A manifestação artística, similar à forma das Histórias em Quadrinhos ou HQs, já estava inserida, indiretamente, na comunicação e expressão humana, a título de exemplificação, desde os primórdios da humanidade. Esse sujeito primitivo, ao desenhar nas paredes das cavernas suas ações de caça e seus hábitos, já narrava seu cotidiano com imagens, semelhante ao que hoje temos como compreensão de HQs. Dessa forma, a imagem representa um elemento crucial na comunicação dos seres humanos.

Por sua vez, em outro momento histórico, com a ascensão da fotografia e do cinema, no século XIX, surgiram também as possibilidades para a popularização das HQs, especialmente nos Estados Unidos que continha o aparato tecnológico e social necessário para a sua difusão.

Inicialmente, nas páginas norte-americanas, elas se caracterizavam como uma narrativa baseada no humor com duas imagens que contavam uma história, representando sátiras e caricaturas. Posteriormente, as temáticas começaram a variar para assuntos como família, animais antropomorfos (animais com aspectos e características humanas) (o que seria) e personagens femininas, que evidenciassem a cultura e os valores do país. Ao final de 1920, as histórias que retratavam aventuras se popularizaram e a representação de super-heróis, pessoas e objetos mais fiéis à realidade atingiram positivamente o público. É importante destacar que nesta década houve também o surgimento das *comic books* - que no Brasil são os denominados gibis -, aumentando o número de leitores.

O contexto histórico e político impactou diretamente nas produções gráficas e, com a Segunda Guerra Mundial, houve o início da representação dos heróis nos conflitos de guerra, retratando o período que estava sendo vivenciado. Posteriormente, surgiram novos gêneros como as histórias de terror e suspense e, devido a isso, o progresso das revistas começou a suscitar na sociedade a preocupação com as suas influências nos leitores (Barbosa, 2004, p. 11).

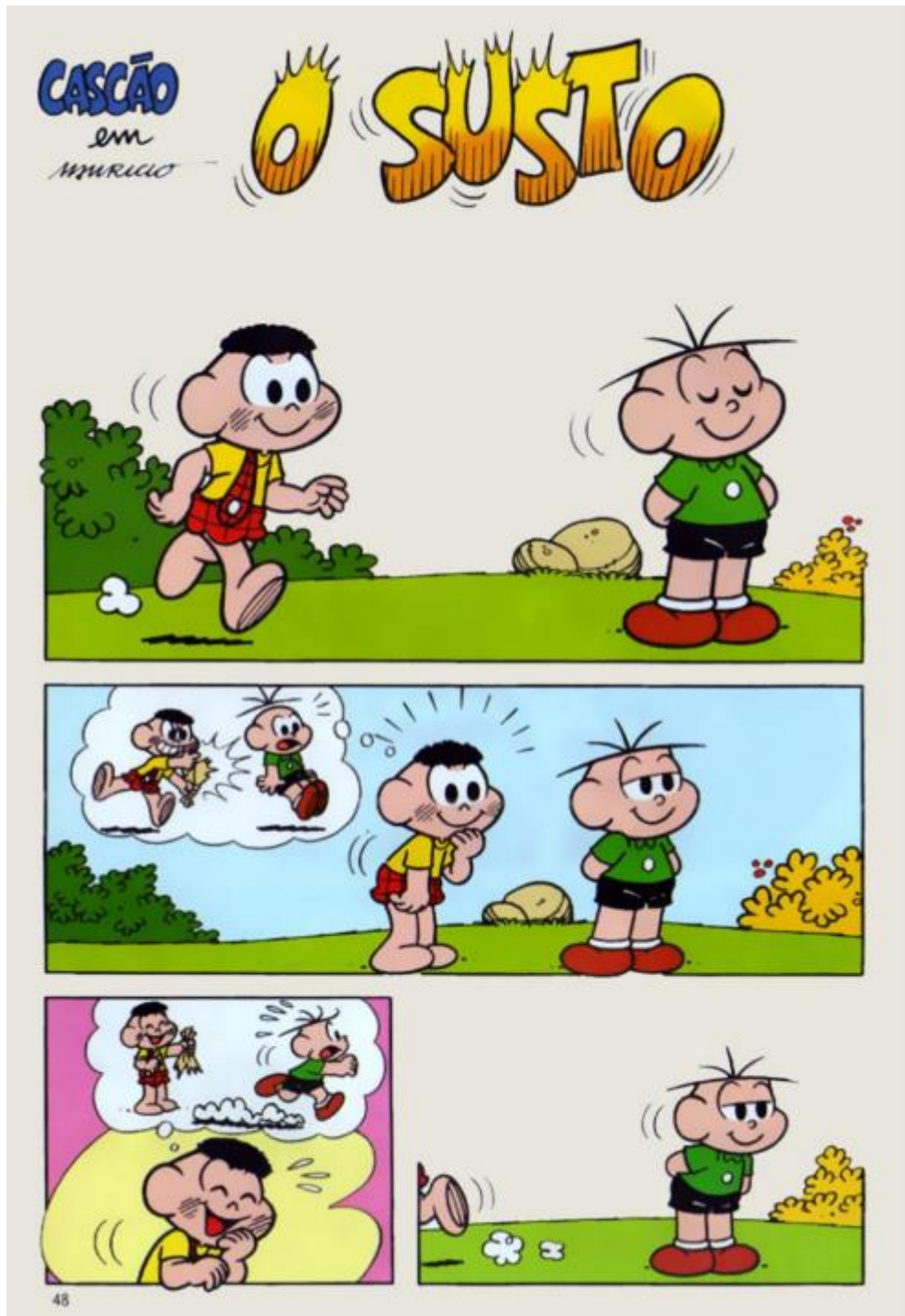
Em meados de 1950, o psiquiatra Fredric Wertham deu início a uma série de livros e artigos publicados em jornais e revistas disseminando aspectos negativos da leitura de quadrinhos, como “A influência ‘anti-educacional’ das HQs que [...] faz com que o/a leitor/a assíduo/a de quadrinhos seja sempre um não leitor/a de livros, além de tais histórias tornarem as crianças indefesas frente a tentação da violência” (Neto; Silva, 2015, p. 11). O que resultou na elaboração de um selo que garantia a “qualidade” das *comics* e a presença dos valores morais e religiosos dos grupos tradicionais. Esse fato ocasionou o fim de muitas editoras, a publicação de histórias sem a criatividade que havia anteriormente e a desvalorização dos quadrinhos como arte, do ponto de vista acadêmico.

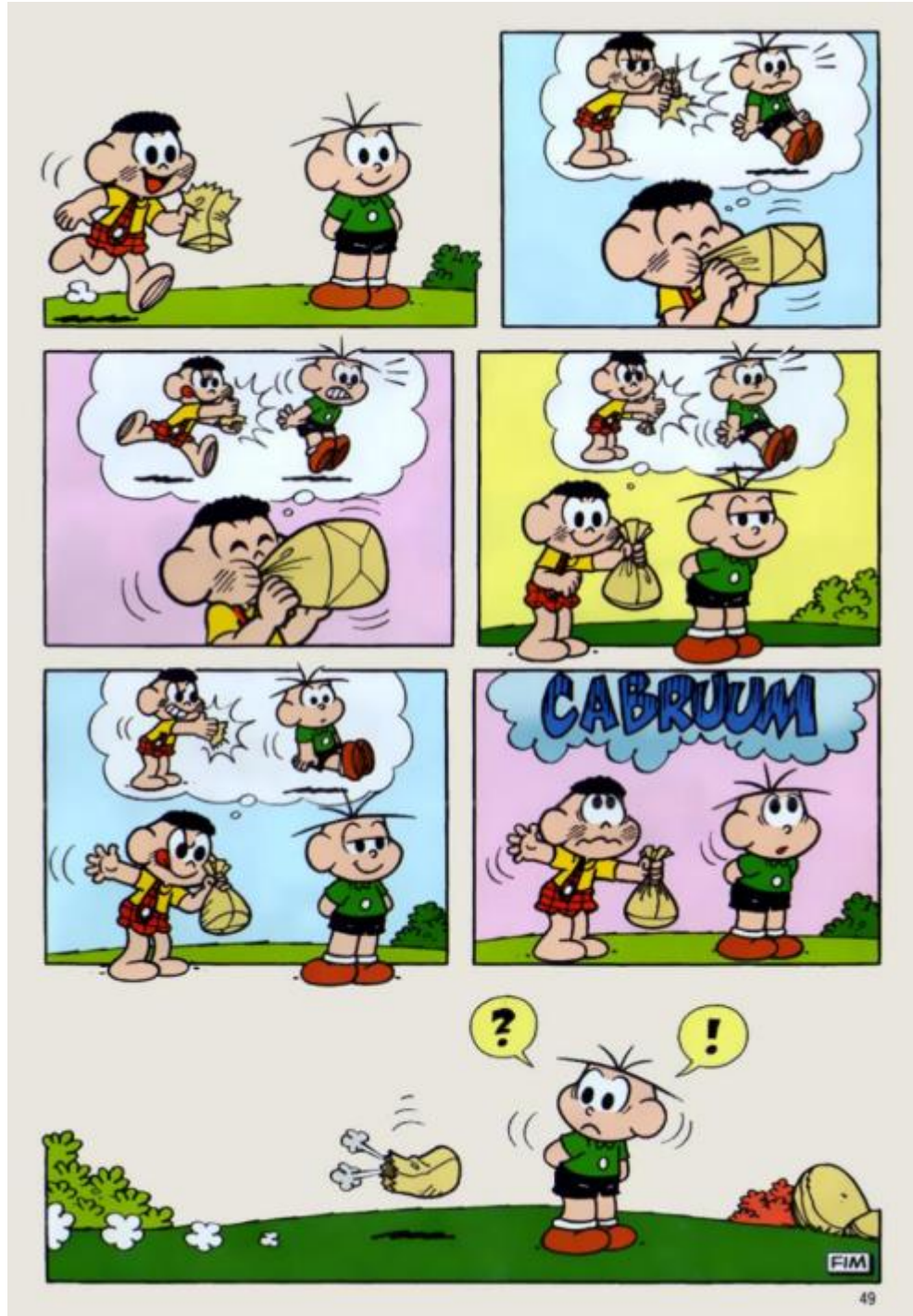
Enquanto os críticos europeus e norte-americanos perseguiram apenas as produções cinematográficas, teatrais e literárias com características estrangeiras e valores diferentes de seus ideais, as HQs foram rejeitadas em seu conjunto geral, sendo consideradas como desprezíveis e desconceituadas.

Atualmente, já há uma perspectiva mais ampla das HQs. Porém, ao longo dos anos, houve longas batalhas e resistências para sua valorização e inserção nas práticas pedagógicas - que, no contexto brasileiro, será discutido no subcapítulo seguinte - e, ainda hoje, há relatos de crianças e jovens que são proibidos de lerem essas narrativas por serem consideradas responsáveis pelo mau desempenho escolar e/ou comportamental.

Após perpassar alguns aspectos históricos, convém observar que, em termos de definição, as HQs são como narrativas gráficas/gráfico-visual que se utilizam de imagens relacionadas entre si, podendo usar, ou não, da linguagem escrita nos balões (de fala, pensamento, grito, ideia, dentre outros) e/ou onomatopeias, requerendo interpretações visuais e verbais e o uso da imaginação, por parte dos leitores, a exemplo das imagens abaixo (fig. 1 e 2):

Figura 1 - Tirinha do Cascão, sem uso da linguagem escrita





Fonte: Sousa (2007).

Figura 2 - Tirinha da Mafalda



Fonte: Quino (2003).

A nomeação desse “sistema narrativo” é diversificado e varia de acordo com o país. No Brasil, é conhecido como gibi, mas “os norte-americanos chamam comics, os franceses bandes-dessinées, os italianos fumetti, os espanhóis rotulam como tebeos, os hispano-americanos historietas e os portugueses histórias-aos-quadrinhos” (Melo, 2013, p. 12). No contexto brasileiro, o gibi recebeu tal designação devido seu estilo visual e textual, no qual as histórias em quadrinhos eram publicadas, na década de 1940, em uma famosa revista brasileira de HQ chamada *Gibi*, cuja popularidade foi tamanha que o nome passou a ser utilizado para denominar as revistas do gênero (Melo, 2013, p. 12).

3.2 HQs no Brasil

A aceitação das histórias em quadrinhos é recente, tendo seu marco no final do século XX, já que ao longo do século passado tal “fenômeno literário” foi alvo de preconceitos e perseguições da sociedade que pretendia impedir a disseminação dos quadrinhos, atestando que estes não eram considerados como uma leitura válida do ponto de vista pedagógico e acadêmico. Tal perspectiva, destacava a concepção de que as HQs eram uma leitura restrita às crianças e, mesmo com crianças, sua prática era condenada, pois afirmavam que ela era responsável por gerar uma espécie de “preguiça mental”, estimular a violência e desnacionalizar os brasileiros, como apresenta Pedro Bandeira (2006, p. 44-45):

(...) havia uma mentirosa campanha contra os gibis, que ocupava as páginas dos jornais e era repetida nos púlpitos das igrejas. Chegava-se a inventar que certo menino americano atirara-se da janela e morrera espatifado na calçada tentando imitar o Super-Homem, ou que aquele outro cometera um bárbaro assassinato depois de ler uma revista de detetives. Era então natural que meus familiares acreditassem nas mentiras que ouviam e tentassem impedir-me de ter minha educação “destruída” pela leitura de revistinhas “tão perigosas”. Assim, ler gibi era proibido não só em

minha casa, mas em muitas outras casas do Brasil. E eu? Deveria obedecer à proibição?

Desse modo, é possível compreender como as narrativas visuais possuem um diferencial em sua inserção na educação brasileira. Zeila Demartini (2015) evidencia isso em sua análise significativa e singular de que as HQs não chegaram à escola pelas mãos dos professores e demais profissionais da educação, mas sim por meio dos educandos. Ou seja, durante muito tempo, a prática de leitura das HQs era proibida e, devido sua restrição, era feita de forma velada nos ambientes escolares, da sala de aula e das bibliotecas. Dessa forma, pode-se analisar a característica singular desta narrativa e como ela conseguiu conquistar o público com sua linguagem diferenciada das demais, utilizando da figura e da palavra para construir uma narrativa e possibilitar um senso crítico de seus leitores.

A quebra dos paradigmas e das concepções de superficialidade e inutilidade das HQs, se deu a partir do estabelecimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1996. A referida lei é considerada uma das mais importantes por regular os direitos educacionais instituídos pela Constituição Federal de 1988. Sua primeira publicação ocorreu em 1961, pelo então presidente João Goulart e, após 35 anos, com a redemocratização do país, com o fim do regime militar e o estabelecimento da Constituição de 1988, o presidente Fernando Henrique Cardoso a instituiu como responsável por “organizar, normatizar e unificar as regras gerais da estrutura e fundamentos da legislação no Sistema Educacional Brasileiro” (Maciel, 2022, p. 1). A partir da lei nº 9.394/96, há um destaque ao uso de “formas contemporâneas de linguagem” (BRASIL, 1996, n. p.), iniciando a compreensão da necessidade de inserir outras linguagens e manifestações artísticas nas etapas do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

No entanto, é importante destacar que esta legislação foi apenas um ponto de partida, afinal o uso efetivo dos quadrinhos no ensino se deu no ano seguinte a partir da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que, como definido no próprio documento, têm como função:

orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações [...] configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional [...] não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo (1998, p. 13).

Desta maneira, os PCNs (como maneira de exercer as diretrizes norteadoras dos currículos, seus conteúdos e nortear as práticas pedagógicas, estabelecidos na LDB) da área

de Artes e de Língua Portuguesa fazem referência ao uso das HQs, ao mencionarem a competência da leitura destas narrativas gráficas e de outras formas visuais, a leitura crítica de charges e o uso de tiras em salas de aula, enquanto forma de discutir, simultaneamente, a realidade social de maneira crítica e humorada (Vergueiro; Ramos, 2009, p. 10-11). Neste contexto, se compreende a necessidade do incentivo de práticas de leitura, de modo que o governo vigente, por meio da Portaria Ministerial nº 584, de 28 de abril de 1997, institui o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), responsável por possibilitar aos estudantes, de escolas públicas de Educação Básica, a acessibilidade à cultura e a construção do hábito da leitura, “tanto a leitura literária, como fonte de fruição e reelaboração da realidade, quanto a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos” (BRASIL, 1997, n. p.), ao realizar a

a) aquisição de obras de literatura brasileira, textos sobre a formação histórica, econômica e cultural do Brasil, e de dicionários, atlas, enciclopédias e outros materiais de apoio e obras de referência; b) produção e difusão de materiais destinados a apoiar projetos de capacitação e atualização do professor que atua no ensino fundamental; c) apoio e difusão de programas destinados.

Analisando esta portaria que determina a vigência do programa, é perceptível a ausência das HQs na lista de obras a serem distribuídas, de forma que, por nove anos, não houve menção das narrativas gráficas no PNBE. Somente em 2006, é que se manifesta pela primeira vez a distribuição de quadrinhos para as séries finais do Ensino Fundamental, onde dentre os “225 títulos selecionados pelo governo, dez eram quadrinhos” (Vergueiro; Ramos, 2009, p. 12), variando entre adaptações literárias, HQs nacionais, estrangeiras, de humor, fábulas, dentre outras. Indicando que o governo considerava-os, a partir de então, como gêneros literários.

Em 2008, houve uma ampliação na distribuição de recursos para a educação básica, atendendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. No entanto, dos livros comprados para o Ensino Médio nenhum deles eram histórias em quadrinhos, indicando a concepção do Governo Federal de que as HQs são direcionadas ao público juvenil. Para a Educação Infantil também não houve a distribuição de nenhuma narrativa gráfica, sendo contemplado com sete obras em quadrinhos, dos cem livros adquiridos, apenas o Ensino Fundamental, evidenciando que as HQs não eram prioridade em ser adquirida e que seus conteúdos não eram vistos como algo que agregassem na vida do estudante. No ano seguinte, a aquisição foi realizada para distribuição nas séries finais do Ensino Fundamental e, pela

primeira vez, no Ensino Médio, rompendo com o paradigma de que HQs são “leitura para crianças”, ao inserir na lista do Ensino Médio as narrativas gráficas.

O Programa continuou em vigência até 2017, quando foi substituído pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), “tendo a unificação das ações de aquisições e distribuição de livros didáticos e literários, pelo qual as obras literárias passaram a ser submetidas aos mesmos processos dos livros didáticos, inclusive permitindo a escolha pelas escolas” (BRASIL, 2020, n.p.).

É válido ressaltar que neste mesmo período, entre 2017 e 2018, foi homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um conjunto de orientações que determina as competências, habilidades e aprendizagens a serem desenvolvidas em cada etapa da educação básica e que se encontra em vigência até o presente momento. Neste sentido, a Base tem uma percepção dos quadrinhos enquanto uma possibilidade didática para ser utilizada em sala de aula, ao mencioná-los no componente curricular de Língua Portuguesa, no ensino fundamental, sugerindo práticas de construção de sentido de imagens e palavras, a leitura e a interpretação dos quadrinhos e seus recursos gráficos, dentre outras abordagens com as HQs.

Os especialistas Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (2009), ao analisarem o PNBE, notam a concepção do Ministério da Educação em relação às HQs de que estas se constituem como ferramentas para direcionar os estudantes às práticas de leitura, por sua forma cativante, diferente dos livros tradicionais, não constituindo-as como uma forma de leitura indicada. Neste sentido, os referidos autores apontam o equívoco ao considerar a literatura como ferramenta e as HQs como forma de literatura, pois “quadrinhos são quadrinhos e literatura é literatura” (Vergueiro; Ramos, 2009, p. 36). Dessa forma, eles compreendem que este é apenas um rótulo para que as HQs sejam aceitas acadêmica e socialmente, afinal elas possuem autonomia, suas singularidades, características e mecanismos próprios que as definem. O que os autores apontam é que, assim como diversas manifestações artísticas dialogam entre si, a literatura e os quadrinhos mantêm um diálogo. Além disso, por haver a mescla entre elementos verbais escritos e visuais, os quadrinhos também são forma de leitura, uma forma específica de leitura.

A inserção das HQs pelos meios legais foi de suma importância, pois “deixaram de ser leitura subversiva ou superficial para serem oficializados como política de governo” (Vergueiro; Ramos, 2009, p. 40). No entanto, como exposto por Vergueiro e Ramos (2009), há a necessidade de uma análise mais crítica, de critérios mais específicos e menos genéricos

na escolha das Histórias em Quadrinhos e a avaliação pelo seu conteúdo nos programas de leitura vigentes.

4 AS NARRATIVAS VISUAIS ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO

No capítulo anterior, foi possível compreender as definições e concepções de Histórias em Quadrinhos (HQs) e, principalmente, sua trajetória histórica e como se deu sua inserção no ambiente escolar, cujo espaço social é o enfoque desta pesquisa. Dessa maneira, o presente capítulo apresentará as variadas possibilidades de utilização das narrativas gráficas em sala de aula, enquanto recurso didático e possibilitador da formação de leitores.

4.1 Do recurso visual ao didático

Na maior parte dos casos, os ambientes escolares e, principalmente, aqueles não escolares, são locais em que as HQs são concebidas como leituras de lazer, sem as atribuições de uma leitura que precise apresentar resultados. Por sua vez, a título de exemplificação, os livros didáticos, quando se utilizam de HQs, fazem apenas um pequeno recorte e não a HQ completa, com a finalidade de explicar algum conceito gramatical, na maioria das vezes, desconsiderando o conteúdo que ela possui. Mesmo diante de tais situações, essa tipologia textual proporciona a interpretação de textos e situações, a percepção crítica, a expansão do vocabulário, a melhora na escrita e na leitura. Afinal, mesmo com os pressupostos de alguns educadores de que os quadrinhos não educam, afastando os jovens da leitura e incentivando a violência, em alguns casos, diversos estudos (que serão apresentados no subcapítulo posterior, por meio da análise de estudos de caso e de pesquisas) evidenciam, no Brasil e no mundo, uma gama de possibilidades de aprendizado, devido à junção da imagem e da palavra, que desperta no leitor, especialmente no leitor infantil e juvenil, a imaginação e a compreensão do cenário proposto na narrativa.

Os quadrinhos, se utilizados de maneira integral, podem ser úteis em sala de aula, não se restringindo a uma leitura somente para os momentos ociosos ou para o mero cumprimento de uma atividade do material didático, mas como recursos para o aprendizado, especificamente, na promoção do ato de ler, assim como Túlio Vilela (2009, p. 77) afirma ao explicitar que:

Muitos adultos que hoje cultivam o hábito da leitura, seja de jornais, revistas ou livros, costumavam ler histórias em quadrinhos durante a infância e a adolescência. Crianças que têm acesso às histórias em quadrinhos podem ser letradas mais facilmente e apresentar rendimento superior nos estudos se comparadas às que não possuem contato com esse material.

Afinal, para muitas crianças os quadrinhos são seu primeiro contato com o mundo da leitura.

Antemão, é preciso reafirmar que, assim como as demais artes, as HQs não se configuram como literatura, mesmo que “lidem com palavras e seja possível aplicar teorias literárias para a análise de sua estrutura narrativa” (Zeni, 2009, p. 132), pois apenas a própria literatura é literatura. Os quadrinhos possuem suas características, especificidades e diversidades quanto ao uso.

O ensino com o uso de HQs requer do professor familiaridade com este recurso, com suas trajetórias, criatividade, ações cheias de intencionalidade, escolha de materiais que interessem os alunos e que sejam condizentes à disciplina que será abordada, usando narrativas de qualidade e adequadas à linguagem e à faixa etária do grupo. Dessa maneira, para que o professor inicie a utilização das HQs com seus alunos, é importante que, primeiramente, sejam apresentados aos estudantes os elementos que integram a linguagem específica do gênero, ou seja, uma HQ não é composta somente de imagens e de pequenos textos, mas sim de um conjunto de componentes que reunidos resultam na HQ (Barbosa, 2004, p. 32).

Dentre esses componentes se apresentam: as imagens desenhadas, que refletem o objetivo do autor nas técnicas utilizadas; o quadrinho, que pode retratar uma ou várias ações integrantes da história; os ângulos e enquadramentos, que representam a maneira como a figura foi representada; a montagem, que varia conforme o local que serão publicadas; os personagens; o balão, que, associado à imagem, representa a fala do personagem e seu formato varia dependendo do tipo de fala que será utilizado, ou seja, linhas tracejadas para simbolizar um cochicho, em formato de nuvem indicando um pensamento, com traçado em zig zag para indicar um tom de voz elevado, em alfabetos ou tipologias diferentes, representando uma comunicação em outro idioma, entre outros; a legenda, que indica a voz do narrador e as onomatopeias que simbolizam a reprodução de sons, ruídos e vozes de animais.

Dessa forma, compreendendo os itens constituintes das HQs, considerando o público-alvo e a faixa etária dos estudantes do Ensino Fundamental I, é possível aprofundar em propostas que podem ser realizadas em sala de aula e adaptadas conforme a realidade e a dinâmica da turma, possibilitando o ensino de língua portuguesa, artes, história, geografia, dentre outras disciplinas, com histórias em quadrinhos.

4.1.1 Proposta 1: Variação linguística

A língua portuguesa e as demais línguas, diante da diversidade cultural, geográfica, socioeconômica e étnica, possuem, como afirma Barbosa (2004), uma ampla variação. Desse modo, o português brasileiro apresenta quatro variações, sendo elas a variação regional (diatópica), histórica (diacrônica), social (diastrática) e situacional (diafásica). Essa temática é ampla e bastante discutida no contexto escolar e em produções artísticas, como as histórias em quadrinhos.

Dessa maneira, a primeira proposta orienta o debate com a turma acerca das variações linguísticas presentes na língua, através de leituras de HQs, observando e analisando as variações presentes em alguns quadrinhos. No Brasil, temos como significativa referência de variação linguística regional o personagem de Mauricio de Sousa, Chico Bento, que por viver na zona rural possui uma linguagem característica bem-marcada. Em algumas de suas histórias, é possível observar o contraste entre os hábitos, as vestimentas, o ambiente retratado e o modo de vida rural e o urbano, como na tirinha abaixo (fig. 3) em que a HQ narra muito bem essas diferenças.

Figura 3 - Quadrinho do Chico Bento

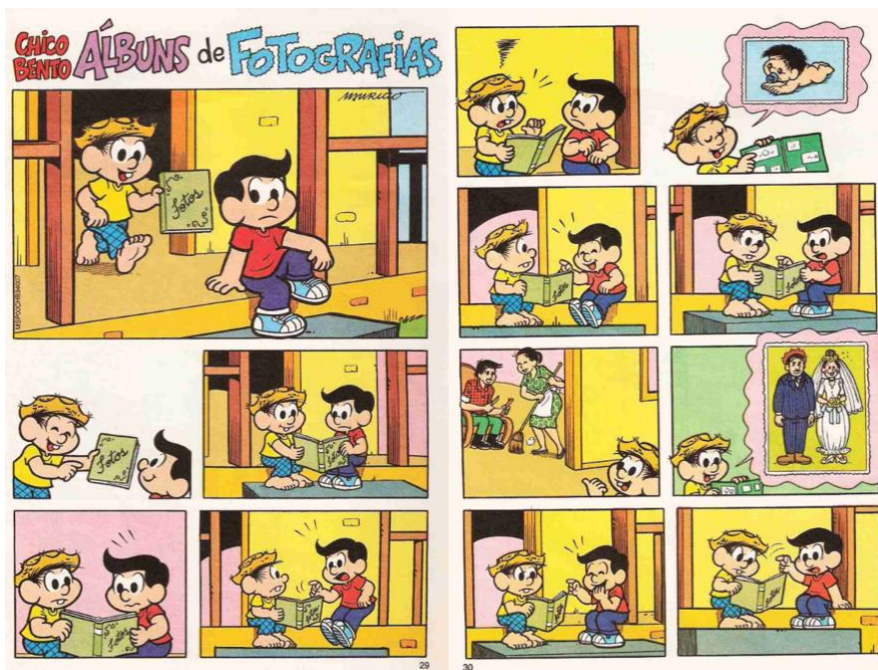


Figura 4 - Quadrinho do Chico Bento



Fonte: Sousa (2009).

Dessa forma, é perceptível que os dois personagens, moradores da cidade grande, utilizam dos termos “ferveção”, “bombando”, “se atualiza” e “faz um upgrade”, que são comuns no contexto urbano em que vivem, mas que são estranhos para Chico Bento que não convive com tal vocabulário e tais gírias, abrindo a possibilidade de iniciar com a turma uma discussão sobre o uso das gírias, analisando quais os educandos utilizam, com quem e em quais locais são abordadas.

Para abordar a variação situacional, podemos observar a figura 5 a seguir:

Figura 5 - Charge



Fonte: Kroll (2017).

Na charge acima, há o emprego da norma culta (pelo uso de palavras refinadas, pertencentes à linguagem formal, seguindo rigorosamente os padrões gramaticais) em um contexto informal, de modo que seu uso neste espaço retratado se configura como inadequado, pois, neste ambiente, a linguagem a ser utilizada é uma linguagem coloquial, que ocorre de forma espontânea, usando de informalidades, expressões populares e regionalismos. Dessa forma, é possível suscitar nos alunos os questionamentos de como conseguem perceber no dia a dia a utilização da linguagem formal e informal nos contextos em que vivem, quais delas é mais predominante e quais eles mesmos utilizam.

Nos próximos quadrinhos (fig. 6 e 7) pode-se perceber a presença da variação linguística histórica:

Figura 6 - Trecho de HQ do Homem Aranha



Fonte: Lee (1963).

Figura 7 - Trecho de HQ do Homem Aranha



Fonte: Lee (1963).

As duas figuras apresentadas acima são trechos das HQs de *O Espantoso Homem-Aranha*, personagem da editora Marvel Comics. As obras apresentadas se referem ao ano de 1963, dessa forma é possível notar nas duas figuras a presença dos termos “crânio” e “traça-livro”, gírias comuns da juventude da época, mas que hoje não são mais utilizadas pelo público jovem, visto que atualmente para se referir a uma pessoa inteligente e estudiosa utiliza-se palavras como “nerd” e “gênio”. Assim, no contexto da sala de aula, é possível debater sobre essas diferenças do uso de determinadas palavras e gírias com o passar do tempo, propondo aos alunos a realização de uma pesquisa qualitativa, entrevistando seus pais e avós e

questionando-os sobre quais gírias eram utilizadas em sua juventude. Posteriormente esses pesquisadores podem realizar uma reescrita dessas gírias, apresentando quais gírias são utilizadas atualmente e que transmitem a mesma ideia, refletindo sobre as mudanças culturais e sociais, no decorrer do tempo.

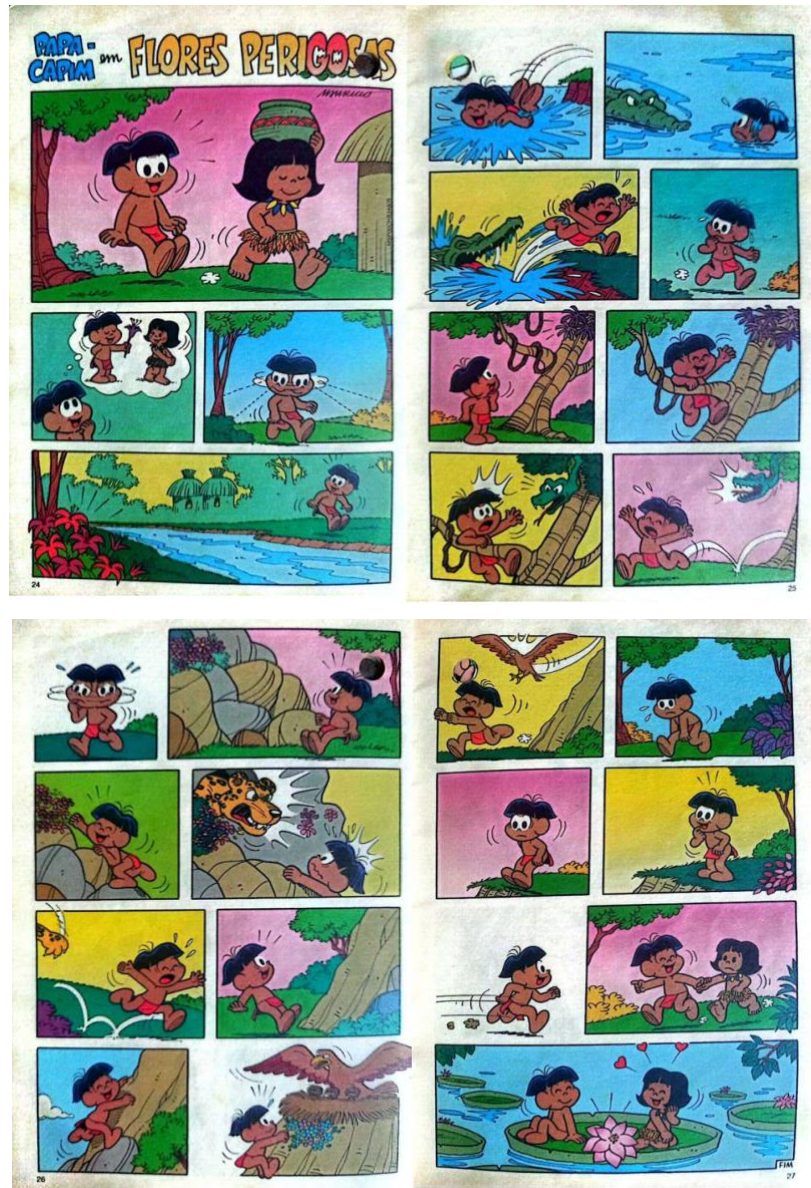
Portanto, como Ramos (2004) declara, essas propostas devem instigar a turma a discutir e analisar as variações evidenciadas pelos elementos visuais e textuais, debatendo sobre as diversas variações no uso da língua e até mesmo ampliando para as vivências dos alunos, quais variações estão presentes em seu cotidiano e em suas relações sociais.

4.1.2 Proposta 2: A dimensão dos recursos visuais

Esta proposta tem como objetivo evidenciar como os recursos gráficos são capazes de comunicar uma mensagem. Para isso, seria necessário distribuir aos alunos diversificadas HQs que não fazem uso da linguagem verbal, para analisarem a história, terem suas percepções, identificarem e registrarem quais foram os elementos visuais utilizados (expressões faciais e corporais, cenário, onomatopeias, sinais gráficos e/ou linhas de movimento) para transmitir a mensagem que inferiram.

Como exemplo para essa proposta, destacamos o quadrinho abaixo (fig. 8). Através das linhas de movimento, do balão de pensamento, do ambiente e, principalmente, das expressões que evidenciam uma ideia, alegria, medo, espanto, desânimo e contentamento, é possível perceber o desejo e a disposição do personagem Papa-Capim em agradar a garota com uma flor, mesmo perante os diversos desafios que encontrou no caminho.

Figura 8 - Quadrinho do Papa-Capim



Fonte: Sousa (2000).

Há também a possibilidade de questioná-los como esta história poderia ser construída e quais diálogos seriam formados, caso o autor optasse pelo uso de elementos verbais. Dessa forma, os estudantes teriam dimensão de “como os elementos visuais são importantes para depreensão do contexto e do sentido” (Ramos, 2004, p. 84) e que as narrativas podem contar uma história, transmitir uma ideia e um pensamento mesmo sem o uso da palavra.

4.1.3 Proposta 3: Discutindo temas da realidade com tirinhas

Outra sugestão é utilizar tirinhas (histórias em quadinhos curtas) que em três ou quatro quadros contam uma narrativa completa com introdução, desenvolvimento e conclusão, como ponto de partida para iniciar a abordagem de determinado conteúdo que será desenvolvido em sala de aula. Como exemplificado nas figuras 9, 10, 11 e 12 a seguir, é possível dialogar sobre as disciplinas de ciências, geografia, história, entre outras, até mesmo de forma interdisciplinar.

Figura 9 - Tirinha do Menino Maluquinho



Fonte: Ziraldo [s.d.].

Figura 10 - Tirinha da Mafalda



Fonte: Quino (2003).

Figura 11 - Tirinha da Mafalda



Fonte: Quino (2003).

Figura 12 - Tirinha de A Turma do Xaxado



Fonte: Antonio Cedraz [s.d.].

Dessa maneira, as temáticas aqui apresentadas, da poluição de rios e mares (fig. 9), fuso horário (fig. 10), modernidade (fig. 11) e seca (fig. 12), por exemplo, representam maneiras fluidas e bem-humoradas de iniciar a abordagem sobre determinada matéria, de modo que esse processo não se limite ao conteúdo do diálogo (Rama, 2004), mas que vá além, despertando nos alunos a criticidade envolvida nas narrativas visuais apresentadas.

4.1.4 Proposta 4: Uso das gibitecas

Por fim, como última proposta, está o uso dos espaços da Gibiteca, local para a prática social e educativa, definido por Natania Nogueira (2015, p. 90) como “fonte privilegiada para se entender as funções e as possibilidades de uso do espaço de saber onde as HQs - ou gibis - colocam-se como meios de aquisição de informação, de acesso ao conhecimento”, sendo um espaço que armazena e promove práticas de leitura, oficinas e palestras de HQs, dos diversos gêneros, para as variadas idades.

Além da utilização da gibiteca na escola, é possível propor ao menos uma visita às gibitecas públicas, possibilitando aos educandos conhecerem novos espaços. Na cidade de Goiânia, há a Gibiteca Estadual Jorge Braga (inaugurada em 1994, sendo a primeira do estado de Goiás) que possui um espaço que valoriza a criatividade, o conhecimento e que incentiva a leitura, desenvolvendo atividades, oficinas, diferentes projetos, encontro com artistas e outros, atendendo aos critérios que uma gibiteca deve possuir, como proposto por Nogueira (2015).

Nas circunstâncias em que a escola não possui uma gibiteca, é importante salientar o uso da própria biblioteca que possui e pensar na possibilidade para a criação de uma gibiteca, com os recursos que a escola tem disponíveis, propiciando a responsabilidade e o cuidado com os itens, a fim de formar um espaço proveitoso que alcance todo o público escolar, não apenas

aos estudantes dos anos iniciais, momento em que há o maior enfoque na alfabetização, visto que os processos de alfabetizar e letrar são contínuos, acompanhando o aluno por toda sua trajetória de aquisição do conhecimento.

As propostas apresentadas neste estudo exigem tanto do aluno o desejo, o interesse e a compreensão da necessidade e importância, quanto exigem do professor uma ação planejada com intencionalidade e conhecimento acerca do que está propondo aos estudantes. Desse modo, são notáveis as potencialidades que os quadrinhos possuem, o quanto podem exercitar a criatividade e o senso crítico do indivíduo, sendo mediador para melhorias no trabalho do professor, nas vivências do aluno e no conhecimento de ambos.

4.2 Estudos de caso e pesquisas

No presente subcapítulo, será desenvolvida a análise de alguns estudos de caso e pesquisas que evidenciam tais usos e seus resultados.

A primeira análise é de um projeto de extensão intitulado “Ações de Letramento Familiar: a transmissão da cultura são-gonçalense”, desenvolvido por Gisely Karla de Medeiros Carvalho, Charlise Katiene Ferreira de Mendonça Dantas e Moisés Alberto Calle Aguirre, integrantes do grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no ano de 2016, com o intuito de “estimular práticas sociais letradas, bem como incentivar alunos e professores a se tornarem agentes de interação social mobilizadores de letramento” (Carvalho; Dantas; Aguirre, 2019, p. 3). A ação foi realizada na Escola Municipal José Horácio de Gois, instituição de ensino da comunidade de Guanduba, zona rural do município de São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte. O projeto teve como público-alvo uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental I, na faixa etária entre 10 e 12 anos de idade.

O desenvolvimento deu-se por meio de uma observação participante semanal que teve os fatos e acontecimentos relatados em um diário de campo. Os responsáveis pela pesquisa apontam que a escolha desses estudantes não foi realizada de maneira aleatória, mas por meio dos apontamentos de dificuldades na aprendizagem de leitura e escrita, que o próprio professor regente da turma fez. Constatação que exigiu um diálogo com a equipe pedagógica, juntamente aos responsáveis dos alunos, a fim de propor ações significativas para tal realidade.

Inicialmente, realizaram um diagnóstico das mais recorrentes práticas de leitura e escrita dos participantes, e um esclarecimento da realização das oficinas, que revelou hábitos de cópias de atividades que não envolviam os contextos dos educandos, tão pouco sua criticidade. Assim,

as primeiras oficinas realizadas visaram reconhecer as compreensões que os alunos possuíam acerca dos gêneros textuais, através da indagação das concepções de cultura, exibição de filmes e desenhos que expunham as características do local, exploração e elaboração da literatura de cordel, assim como da temática da alimentação saudável e de relatos pessoais. Diante disso, as oficinas posteriores utilizaram de narrativas como contos populares e histórias em quadrinhos. Como o foco deste trabalho é o uso das HQs em contexto de sala de aula, fizemos um recorte no projeto em análise para as ações realizadas e os resultados obtidos na execução das práticas com as HQs.

Perante o exposto, o trabalho desenvolvido com as HQs se fundamentou em três etapas. Na primeira etapa, foi o momento de conhecer os saberes prévios dos estudantes acerca dessa narrativa, apresentando e apreciando o gênero a partir da leitura de algumas HQs. Na segunda parte, foi realizada a identificação dos elementos e recursos que caracterizam estética e composicionalmente o gênero em estudo, como a linguagem verbal e não verbal, os balões e seus tipos, onomatopeias e as sequências. Por fim, após estes processos, foi solicitado aos educandos que elaborassem suas próprias histórias em quadrinhos. O processo de produção dos discentes deu-se com o apoio dos idealizadores do projeto, da apresentação de vídeos e roteiros previamente organizados, colocando em prática o que foi aprendido, por meio da retratação de seus fatos cotidianos. Tendo o direcionamento e as correções necessárias na gramática e na ortografia. Mais adiante houve uma socialização dos conhecimentos desenvolvidos, através da exposição das produções realizadas, para a comunidade escolar.

Segundo os autores do projeto, ao longo da realização dessa oficina foi possível notar as potencialidades que os educandos possuem para elaborar uma HQ e utilizar de elementos além dos textuais, principalmente quando as ações de leitura e escrita desenvolvidas têm sentido com a realidade experienciada, levantando questionamentos e buscando respostas às questões da sociedade.

Por conseguinte, as bibliotecárias Mariana Oliveira dos Santos e Maria Emilia Ganzarolli (2011) realizaram uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória de projetos que utilizam as HQs no incentivo das práticas de realização e de incentivo à leitura, em escolas e bibliotecas brasileiras. Desse modo, entre os projetos analisados pela pesquisadoras, fazemos destaque para dois deles: o primeiro é uma pesquisa de Denise Pellegini, intitulada “Aulas que estão no gibi”, que se refere a um projeto realizado no ano de 2000, nas aulas de Português e Educação Artística de uma turma da pré-escola, na capital paulista, em que a professora Cynthia dispunha gibis aos seus 22 alunos, realizando a leitura dessas histórias e também dando a

liberdade para eles lerem, fazendo um movimento de leitura e escuta entre aqueles já alfabetizados (contabilizando sete, no início do projeto) e os demais ainda não alfabetizados. Além disso, a professora já realizava investigações de tiras em jornais, familiarizando as crianças com essa narrativa. Dessa maneira, os balões foram uns dos primeiros elementos investigados, recortando de revistas os diversos tipos desse item, presentes nos quadrinhos e socializando com a turma os resultados encontrados.

Durante a realização do projeto, a educadora convidou profissionais da área para ensinarem como se dá o processo de construção de um gibi, além desse momento de instrução, também realizaram um momento prático desta confecção, em que os pequenos tiveram sua participação dando ideias e sugestões na escolha e criação dos personagens da história. Posteriormente, a professora da turma deu continuidade a este processo criativo, tirando cópias das histórias e apagando balões ou quadros inteiros, para serem refeitos pela turma, dividindo narrativas na lousa para criar diálogos e logo oportunizando-os a criarem suas próprias histórias. Deste modo, ao final do projeto houve uma votação das melhores tiras para serem publicadas no jornal bimestral da escola e as demais formaram um almanaque, valorizando as criações das crianças e incentivando-as a prosseguirem na elaboração e na leitura dessas narrativas. No fim do ano letivo, a professora constatou que apenas dois alunos não estavam alfabetizados, demonstrando a influência das HQs no desenvolvimento do processo de alfabetização da turma.

O segundo projeto salientado é “A utilização das HQs em sala de aula como recurso didático-criativo” (Mariano, 2008), realizado com uma turma de 6ª série, em uma escola estadual de Mogi Mirim, que após a realização do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar de São Paulo (SARESP) constatou a dificuldade dos alunos na interpretação das HQs da prova. A iniciativa da professora regente Joana D’Arc tinha como objetivo analisar os “efeitos” da HQ na construção do hábito de leitura destes alunos, se contribui ou não neste processo. Assim, a professora apresentou aos discentes o tipo de texto da HQ, refletindo sobre a importância da leitura de imagens, tendo como resultado um avanço nas produções escritas, pelo uso e aproveitamento de onomatopeias, dos recursos gráficos e linguísticos desta narrativa e um aumento no número de empréstimos de livros, durante o ano, na instituição.

Desta maneira, analisando os dois projetos, pode-se observar o uso das HQs em dois casos: um em que os estudantes estão no processo da alfabetização e, sobretudo, na construção do hábito da leitura, e do outro lado há uma situação em que os alunos já estão em um nível de conhecimento e aprendizagem maior, com o hábito da leitura próximo de se consolidar

plenamente, e em ambos casos a presença dos quadrinhos fez com que se obtivesse avanços do aprendizado e aprimoramento de habilidades já consolidadas.

Compreendendo a importância de espaços que incentivem e propiciem a leitura de HQs, fazemos menção aos resultados da pesquisa de Natania Nogueira (2015), que acompanhou o processo de construção e aproveitamento da Gibiteca Escolar em uma escola municipal de Leopoldina-MG. Construída com a contribuição da comunidade escolar, foram reaproveitados os mobiliários do depósito escolar e as revistas em quadrinhos foram doadas. Além da disponibilidade das revistas na gibiteca, são realizados empréstimos (com suas regras para o bom uso e conservação dos materiais), oficinas, minicursos e outras atividades para os alunos da educação infantil, do ensino fundamental I e II e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da instituição, que têm apresentado um crescimento nos índices de aprendizado da escola, tendo êxito nas avaliações municipais, ocupando o primeiro lugar. Quanto aos professores da escola, é proposta a realização de visitas semanais à gibiteca, acompanhando os alunos, mas permitindo que tenham autonomia para escolher suas leituras e o espaço que ocuparão na gibiteca. Além disso, neste local há disponíveis, para os educadores, diversos livros, materiais didáticos e relatos de experiências para orientá-los a como utilizar as HQs.

Por fim, é válido mencionar também as reflexões e percepções que os educadores possuem quanto ao uso das narrativas visuais em sala de aula. Para isso abordamos a pesquisa de Fábio da Silva Paiva (2016), que em sua tese de doutorado realizou tal análise, disponibilizando aos educadores em formação (uma turma de graduação em pedagogia, no 6º período, e outra de doutorado em educação) questionários que apresentavam variadas perguntas, mas três delas se demonstraram bastante significativas, a saber: se os educadores notam o auxílio das HQs em sua própria educação, se percebem a contribuição das HQs na prática educativa e se veem a educação presente nas HQs. Após a investigação, o pesquisador concluiu que 80% dos professores compreendem a participação dos quadrinhos em sua formação, na construção do hábito e do interesse pela leitura, na compreensão e interpretação de imagens. Quanto ao auxílio das HQs nas práticas de ensino, constatou-se que a maioria concordou, apresentando suas formas de uso no processo de alfabetização, no ensino de gêneros literários e interpretação de texto, na análise e leitura crítica e questionamentos sociais. Dentre os entrevistados, um deles apontou a importância de que o professor, ao utilizar a HQ, tenha em mente estratégias de uso, selecionando histórias relacionadas ao tema que será abordado. Enfim, ao serem questionados se (e como) visualizam a educação nas HQs, a maior parte demonstrou noção da significância, reconhecendo os elementos (ilustrações, discurso e a

narrativa) como propiciadores do letramento, da leitura e escrita, da leitura de imagens e dos gêneros textuais, bem como nas questões sociais e culturais.

Diante do exposto, é possível inferir que tais pesquisas e estudos de caso evidenciam que as HQs se fazem presentes no ensino escolar brasileiro, como possibilidade de aprendizados, como meio de utilização de variadas linguagens e de representação da realidade dos indivíduos, sendo uma maneira de estimular as práticas da leitura e da escrita, especialmente quando são relacionadas aos seus interesses e vivências. Nos casos em que essa prática ainda não se faz presente, nota-se o objetivo de muitos professores em utilizá-la e fazer com que se torne parte da rotina escolar. Desta forma, ficam evidentes as potencialidades das narrativas visuais na construção do hábito da leitura, sendo utilizadas por educadores que acreditam neste potencial e na sua gama de possibilidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa foi possível depreender as noções de alfabetização, letramento, leitura e a formação de leitores, bem como o contexto de surgimento e a utilização dos quadrinhos, por meio da pesquisa bibliográfica e da investigação de estudos de caso e pesquisas, sendo notável a contribuição das HQs como recurso didático na formação do leitor e no processo de ensino-aprendizagem, analisando como elas vêm sendo utilizadas, compreendendo seus impactos na formação de leitores questionadores acerca de sua realidade social e política.

Assim, o primeiro capítulo, pautado nas produções da estudiosa Magda Soares, apresentou as concepções de alfabetização, enquanto um processo de codificação e decodificação de códigos, e o letramento, enquanto práticas sociais de leitura e escrita que possibilitam a compreensão e reflexão de textos, demonstrando a necessidade da utilização de ambos no processo de aprendizagem. A partir disso, com as concepções de Emília Ferreiro foi possível compreender que as práticas de leitura e escrita precisam estar associadas à uma linguagem próxima do indivíduo e de suas vivências, desta maneira surgem então as HQs como forma de prática leitora e reflexiva com uma linguagem fluida, por vezes humorada e acompanhada de teor crítico e reflexivo, em sua maioria. Assim como também foram apresentadas as problemáticas desta pesquisa, as motivações, metodologia, fundamentação teórica e os objetivos.

Em continuidade a tal perspectiva do âmbito da leitura, o segundo capítulo buscou elucidar a prática leitora como um processo de produção de sentido que não se restringe às ações decodificadoras, mas que para além disso, necessita de interpretação, compreensão e olhar crítico, levando a compreensão de que a leitura é um diálogo, que se realiza individualmente e socialmente. Neste sentido, com base em Rildo Cosson, a prática leitora possui significativa atuação na formação dos indivíduos e para que isso seja possível analisamos a proposta dos círculos de leitura, como possibilidade na construção do hábito da leitura.

No terceiro capítulo investigamos as definições, a trajetória e os desafios enfrentados por aqueles que liam e defendiam a utilização das HQs, nos âmbitos sociais e educacionais, até os dias atuais, compreendendo que a expressão por meio de imagens já se fazia presente desde a era primitiva.

Por fim, o quarto capítulo buscou elucidar algumas propostas para a utilização das narrativas visuais, em sala de aula, apresentando uma gama de possibilidades, que requerem do educador uma ação planejada e com intencionalidade. Além disso, analisando os relatos foi

possível perceber que muitos educadores acreditam em tais potencialidades e utilizando-as conseguem obter bons resultados no desenvolvimento intelectual e social de seus alunos.

Portanto, as HQs são recursos didáticos viáveis na formação de leitores, como forma de expressão e de aprendizagem e, para além disso, são propícias no ensino de variadas disciplinas, nas mais diversas idades, evidenciando que não são uma “leitura infantil” como é pressuposto por muitos, e alcançando os objetivos propostos deste estudo, sendo possível inferir que a promoção do ensino com narrativas gráficas deve ser discutido entre os meios de formação de professores, para que enxerguem nelas essas possibilidades, e de maneira planejada, crítica e reflexiva façam uso em suas práticas educativas, com estudantes de todas as idades, afinal o hábito da leitura e o uso de HQs se adequa em todas as faixas etárias, mas principalmente com os indivíduos dos anos iniciais do Ensino Fundamental que estão iniciando sua trajetória estudantil.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Pedro. **Lembrancinhas pinçadas lááá do fundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

BRASIL. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Ministério da Educação. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/biblioteca-na-escola/historico>. Acesso em: 15 de set de 2025.

BRASIL. **Lei nº 9334, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 14 de set de 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018**. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Brasília, DF, 12 de julho de 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113696.htm. Acesso em: 15 de set de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 08 de dez de 2025.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/introducao.pdf>. Acesso em: 14 de set de 2025.

BRASIL. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Ministério da Educação. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 15 de set de 2025.

BRASIL. **Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)**. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <https://catalogo.ipea.gov.br/politica/770/programa-nacional-biblioteca-na-escola-pnbe>. Acesso em: 15 de set de 2025.

CARVALHO, G. K. de M.; DANTAS, C. K. F. de M.; AGUIRRE, M. A. C. **Letramento: entre contos e histórias em quadrinhos**. Rio Grande do Norte: Revista Holos, v. 7, p. 1–13, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/holos.2019.8240>. Acesso em: 22 de outubro de 2025.

CEDRAZ, Antonio. **A Turma do Xaxado**, s.l., s.d. Disponível em: <https://alexandrehq.blogspot.com/2014/09/triste-partida.html>. Acesso em: 14 de out de 2025.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2023.

COSSON, Rildo. **Literatura: modos de ler na escola. O cotidiano das letras.** Anais da XI Semana de Letras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

COSTA, Sérgio Roberto. **Interação e letramento escolar: uma (re)leitura à luz vyotskiana e bakhtiniana.** UFJF, 2000.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos.** Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.

DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri. Prefácio. In: NETO, Elydio Santos; SILVA, Marta Regina Paulo da. **Histórias em quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola, e agora?.** 1. ed. - São Paulo: Criativo, 2015.

DOS SANTOS, Roberto Elísio. **Aplicações da história em quadrinhos.** Comunicação & Educação, n. 22, 2001.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de empresas, v. 35, p. 20-29, 1995.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. São Paulo: Unicamp, 2005.

KROLL, Roberto. **Norma culta.** 2017. Disponível em: <http://www.robertokroll.com.br/search/label/Charges>. Acesso em: 29 de out de 2025.

LEE, Stan; DITKO, Steve. **O espantoso Homem Aranha.** Marvel Comics, n. 1, março 1963. Disponível em: <https://timelinecomics.blogspot.com/2015/08/homem-aranha.html>. Acesso em: 29 de out de 2025.

LEE, Stan; DITKO, Steve. **O espantoso Homem Aranha.** Marvel Comics, n. 2, julho 1963. Disponível em: <https://timelinecomics.blogspot.com/2015/08/homem-aranha.html>. Acesso em: 29 de out de 2025.

MACIEL, Mateus De Moura et al.. **O percurso e o conceito da lei de diretrizes e bases - ldb na educação brasileira.** VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81370>. Acesso em: 14 de set de 2025.

MARIANO, J.D.A. A utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula como recurso didático-criativo. 2008. In: SANTOS, M. O. dos., GANZAROLLI, M. E.. **Histórias em**

quadrinhos: formando leitores. Transinformação, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/D9KdmXLWyZcPhMcvH5cgpSg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 de out de 2025.

MELO, José Marques de. Da gibimania à quadrinhologia. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu. **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. 1. ed - São Paulo: Criativo, 2013.

NETO, Elydio Santos; SILVA, Marta Regina Paulo da. **Histórias em quadrinhos e práticas educativas:** os gibis estão na escola, e agora?. 1. ed. - São Paulo: Criativo, 2015.

NOGUEIRA, Natania A. S. Gibiteca: possibilidades de criação e uso no trabalho pedagógico com crianças, jovens e adultos. In: NETO, Elydio Santos; SILVA, Marta Regina Paulo da. **Histórias em quadrinhos e práticas educativas:** os gibis estão na escola, e agora?. 1. ed. - São Paulo: Criativo, 2015.

PAIVA, Fábio da Silva. **Histórias em quadrinhos na educação:** memórias, resultados e dados. Orientador: José Luiz Simões. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

PELLEGINI, D. Aulas que estão no gibi. Revista Nova Escola, 2000. In: SANTOS, M. O. dos ., GANZAROLLI, M. E.. **Histórias em quadrinhos:** formando leitores. Transinformação, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/D9KdmXLWyZcPhMcvH5cgpSg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 de out de 2025.

QUINO, J. L. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, p. 32, tira 3, 2003. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/quadrinhos/tirinhas-da-mafalda-vol-1>. Acesso em: 03 de set. 2025.

QUINO, J. L. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, p. 272, tira 5, 2003. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/quadrinhos/tirinhas-da-mafalda-vol-4>. Acesso em: 03 de set. 2025.

QUINO, J. L. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, p. 309, tira 1, 2003. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/quadrinhos/tirinhas-da-mafalda-vol-6>. Acesso em: 03 de set. 2025.

SANTOS, M. O. dos ., GANZAROLLI, M. E.. **Histórias em quadrinhos:** formando leitores. Transinformação, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/D9KdmXLWyZcPhMcvH5cgpSg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 de out de 2025.

SANTOS, R. E. ; VERGUEIRO, W. . **Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática**. Eccos Revista Científica (Impresso), 2012.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUSA, Mauricio de. **Almanaque Historinhas de duas páginas Turma da Mônica**. São Paulo: Panini Brasil, n. 1, p. 48-49, 2007. Disponível em:

<https://www.emebestancia.com.br/%C3%A1rea-do-aluno/gibs-turma-da-m%C3%B4nica>. Acesso em: 03 de set. 2025.

SOUSA, Mauricio de. **Almanaque Historinhas de duas páginas Turma da Mônica**. São Paulo: Panini Brasil, n. 1, p. 48-49, 2007. Disponível em: <https://www.emebestancia.com.br/%C3%A1rea-do-aluno/gibs-turma-da-m%C3%B4nica>. Acesso em: 03 de set. 2025.

SOUSA, Mauricio de. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Brasil, n. 32, p. 7, 2009. Disponível em: <https://sites.google.com/view/educacaosaojorge/biblioteca-virtual>. Acesso em: 03 de set. 2025.

SOUSA, Mauricio de. **Chico Bento**. São Paulo, Globo, n. 340, p. 29-32, 2000. Disponível em: <https://sites.google.com/view/educacaosaojorge/biblioteca-virtual>. Acesso em: 03 de set. 2025.

SOUSA, Mauricio de. **Chico Bento**. São Paulo, Globo, n. 348, p. 24-27, 2000.

VILELA, Túlio. Quadrinhos de aventura. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu. **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. 1. ed - São Paulo: Criativo, 2013.

ZENI, Lielson. Literatura em quadrinhos. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

ZIRALDO. **O menino maluquinho**, s.l., s.d. Disponível em: <https://www.educarx.com/2013/09/menino-maluquinho-interpretacao-de-texto.html>. Acesso em: 15 de out de 2025.